

# O EQUÍVOCO DO DESENVOLVIMENTO

ANTÓNIO MENDES

Professor Catedrático da ULHT  
Past-Governador do Rotary International  
(2014-2015)

Os grandes inventos técnicos, fruto da investigação científica que se processou no séc. XIX e por todo o séc. XX até aos nossos dias e a utilização de novas fontes energéticas fizeram passar a humanidade por sucessivas revoluções industriais dando origem à chamada sociedade moderna que vigorou no séc. XX até à década de setenta, quando a explosão informática, suportando as TIC (tecnologias da informação e da comunicação), fez despontar a sociedade pós-moderna, a sociedade do conhecimento, ainda que ter informação não signifique ter conhecimento.

A economia industrial de produção de bens e serviços úteis e necessários começou, pouco a pouco, a ser acompanhada e até ultrapassada por uma economia financeira. De uma cultura do fazer passou-se a uma cultura de especulação em que a presença da mão invisível da alta finança levou “o crédito do mercado a substituir o crédito dos valores”, como escreveu o Professor Adriano Moreira (Julho, 2014).

O ser passou a dar lugar ao ter. Instalou-se a ideia de que o mais importante é o que mais tem. Impôs-se uma lógica instrumental que conduz as pessoas a um consumismo sem ética nem sentido social e ambiental.

Como escreveu o Papa Francisco (Maio2015) “a acumulação constante de possibilidades para consumir distrai o coração e impede de dar o devido apreço a cada coisa e a cada momento”.

Possuir e deitar fora tornou-se um hábito gerador de ansiedade, de insatisfação permanente, que está na base de uma cultura do descartar que envolve as coisas, mas também as pessoas.

“O mundo do consumo exacerbado é, simultaneamente, o mundo que maltrata a vida em todas as suas formas” (Papa Francisco, Maio 2015).

A ganância do lucro, a ambição desmedida da acumulação de riqueza sem controlo ético levou à difusão de uma mensagem nefasta em que a acumulação de coisas ou prazeres se apresentaram como conducentes à alegria e à felicidade humana.

O crescimento aparece como sinónimo de desenvolvimento o que é manifestamente errado como também é falsa a ideia propalada por alguns de que os recursos da natureza são inesgotáveis.

A velocidade a que se exploram atualmente esses recursos naturais não permite a sua reposição e a regeneração da natureza. Os efeitos devastadores nas florestas, no mar, nas condições ambientais em geral, são já suficientemente importantes para nos mostrarem a urgência de uma mudança profunda na nossa maneira de viver e de estar no mundo, de cuidarmos da herança que vamos deixar aos nossos vindouros.

“O meio ambiente é um bem coletivo, património de toda a humanidade e responsabilidade de todos” (Papa Francisco, Maio 2015).

Também S. João Paulo II (Setembro 1981) lembrou que “Deus deu a Terra a todo género humano para que ela sustente os seus membros sem excluir nem privilegiar ninguém”.

E S.S. Bento XVI (Junho 2009) também escreveu que “o mercado, por si mesmo, não garante o desenvolvimento humano integral nem a inclusão social”. O endeusamento do mercado tem levado a que o interesse económico e financeiro de alguns chegue a prevalecer sobre o bem comum.

Por vezes acusa-se até o crescimento demográfico como a causa de todos os males causados à natureza. Sabemos, contudo, que o crescimento demográfico é compatível com o desenvolvimento integral e solidário e que é o consumismo exacerbado de alguns a razão fundamental do que está a acontecer.

Tudo na natureza está em interdependência permanente, por isso não podemos falar de ecologia sem referirmos adequadamente a antropologia. Há uma ecologia ambiental, mas também económica e social.

Hoje percebe-se que o modelo atual de crescimento está esgotado e que uma nova era mundial está emergindo. Neste Ano Europeu do Desenvolvimento haverá oportunidade de refletirmos sobre o mundo, a dignidade e o futuro não só da pessoa humana mas também de todos os outros seres, isto é, da natureza global. “O futuro não se prevê, prepara-se” (André Malraux). É bom que nos preparemos, apostando na formação e na educação para que os erros do passado e do presente se não repitam e se ajude a construir uma sociedade nova onde o respeito pelas interdependências concorra para um desenvolvimento sustentável onde a solidariedade ética esteja sempre presente.

Os condicionantes do comportamento humano: ter, poder e prazer terão que sofrer uma profunda mudança. O Ter, virado para a ambição individualista deve orientar-se para a partilha; o Poder, como pressuposto da arrogância e do domínio, deve voltar-se para o serviço; o Prazer, conducente ao egoísmo, deverá orientar-se para a felicidade comum.

Como afirmou o Dalai Lama (2013) “temos de influenciar os decisores para que prestem atenção às questões que importam à humanidade a longo prazo como a crise do ambiente e a desigualdade na distribuição dos proveitos. Mesmo que pareça não haver esperança agora, nunca desistam”.

Nos anos 60 e 70 do séc. XX surgiram as éticas aplicadas por imperativo da realidade social que necessitava de respostas multidisciplinares

para os problemas entretanto surgidos, como atrás referido, por um crescimento especulativo. Recordamos a Bioética, a Ética Empresarial e de Negócios, a Ética da Comunicação, a Ética do Desenvolvimento e outras vertentes estudadas, entre outros, por Domemec Malé, e José Luís Fernandes (1990), Carlos Llano (1997), Carlos Ráfoles e Irene Ratés (2002) que nos conduziram a compreender que ser socialmente responsável significa não só cumprir as regras jurídicas em vigor, mas também investir no capital humano e no respeito pelo meio ambiente, pela nossa casa comum.

Na sociedade moderna, industrial, o “homem burguês” criou o mito do progresso em que toda a mudança e toda a inovação são em si positivas. Na sociedade mais recente, pós-moderna, pós-industrial em que estamos vivendo, surge-nos o “homem consumidor” orientado para o consumo e confiado quase exclusivamente na tecnologia. Isto vem na linha do pensamento filosófico de Nietzsche, do historicismo dialético de Marx e do otimismo tecnológico e positivista de Auguste Comte.

O “homem consumidor”, em termos kantianos, só persegue o prazer sem interesse e a finalidade sem objetivo.

Gosto de evocar a História porque, como afirmou Alexandre Herculano, a “História é a grande mestra da vida”. Assim, numa breve retrospectiva, vemos o “homo faber” passar ao “homo sapiens”, ao “sapiens, sapiens” e já nos tempos recentes o “homo écrans” agarrado aos écrans do cinema, da televisão, do computador, do telemóvel... transformando-se no “homo consumericus” escravo e construtor da sociedade de consumo, da sociedade do descarte e da indiferença nesta cultura-mundo já estudada por Gilles Lipovestky (1988) e, ultimamente, denunciada pelo Papa Francisco (2014/2015).

A “Organização Científica do Trabalho”, que surge no início do século passado, nos Estados Unidos, pela mão do engenheiro Frederick Taylor e, em França, por iniciativa principal do engenheiro Henri Fayol, marcam uma etapa histórica muito importante no início da sociedade industrial, consequência da invenção e aplicação da máquina a

vapor de Watt (finais do séc. XVIII) à indústria têxtil e, posteriormente, a outras, incluindo os transportes marítimos e ferroviários.

As fábricas, com as suas linhas de montagem, como a criada pelo engenheiro Henry Ford na célebre fábrica de automóveis Ford, funcionam como polos de atração dos operários e suas famílias que deixam a vida agrária para darem origem a novas cidades. E surgem as primeiras manifestações da coisificação do ser humano, do operário que passou a ficar acorrentado à linha de montagem como uma peça mais da engrenagem, genialmente caricaturada no filme de antologia “Tempos Modernos” de Charlie Chaplin (1936).

Apesar de nas primeiras décadas do séc. XX ainda estarem em embrião as ciências do comportamento humano assentes sobretudo nos estudos de S. Freud (1860/1915), algumas pessoas começaram a perceber os perigos que ameaçavam a vida, a saúde e a dignidade do ser humano.

Muito antes da célebre experiência de Hawthorne, levada a cabo por Elton Mayo, na década de vinte, na Western Electric Company, USA, que levou a uma profunda mudança na gestão dos Recursos Humanos nas Organizações, houve um homem genial que analisou os problemas sociais e humanos da sua cidade (Chicago) e, com um grupo de três amigos, após cinco anos de reflexão, fundou um clube (23 de Fevereiro de 1923) que foi o primeiro Rotary Club. O genial líder do grupo foi Paul Harris, advogado, e os seus amigos eram um engenheiro de minas, um alfaiate e um negociante de carvão.

Baseando-se em princípios éticos que vigoram até hoje, com uma visão do mundo que os cientistas sociais só mais tarde começaram a estudar, criaram a partir da sua cidade uma Associação de profissionais que se espalhou pelo Mundo sendo hoje a maior ONG mundial, a maior Associação de Profissionais do Mundo com assento permanente, como observadora, nas Nações Unidas.

De 4 sócios fundadores, passou a cerca de um milhão e trezentos mil membros distribuídos por mais de duzentos países.

A chave do sucesso desta Organização reside nos princípios éticos e democráticos que a enformam. Os seus membros são aceites por serem profissionais reconhecidos pelo seu comportamento ético na sua comunidade, na sua profissão, na sua família.

Outros aspetos que costumam dividir as pessoas como a religião, a ideologia política, a cor da pele, o estatuto social são rigorosamente proibidos quer na admissão quer na exclusão dos sócios.

A sua atividade é voluntária, não remunerada, e tem como objetivos ajudar os mais carenciados, lutar contra a fome, o analfabetismo, a doença, a injustiça, a guerra e ajudar a construir a paz e a compreensão mundial.

Alguns dos seus membros estiveram na criação da ONU, da UNESCO, na redação da Declaração dos Direitos Humanos. Foram ou são sócios de Rotary International nomes famosos das ciências, da política, das artes, de todas as áreas de trabalho humano, como W. Churchill, J. Kennedy e muitos outros.

Rotary International, através da sua Rotary Foundation, tem desenvolvido projetos humanitários em todo o mundo. Destaco o projeto de luta pela erradicação da poliomielite (a paralisia infantil) que matou milhões de crianças em todos os países e que, graças ao trabalho dos voluntários do Rotary, está prestes a ser extinta.

Uma das atividades em que os Rotários e os jovens designados Rotaractistas e Interactistas se têm envolvido na última década é a luta por um desenvolvimento sustentável, cuidando e respeitando a natureza.

Existem, felizmente, outras organizações que também lutam por uma nova cidadania, pelo respeito e dignificação das pessoas, dos animais e da natureza em geral. Refiro aqui mais especificamente o Rotary International por ser a maior Associação do Mundo, por ter mais de um século de trabalho em prol de uma humanidade mais feliz e por, eu próprio, ser há muitos anos um dos seus membros.

Ser Rotário é, como digo muitas vezes, “Gente que gosta de Gente. De toda a Gente”. Por isso lutamos por um mundo melhor para todos, lembrando que o mais feliz não é o que tem mais mas o que precisa menos, que não é possível aumentar o PIB (produto interno bruto) sem previamente aumentar o FIB (felicidade interna bruta). Sem gente feliz não é possível o desenvolvimento sustentável. Nós somos porque os outros são. Quando ajudamos os outros, o próximo, a serem felizes, é a nós próprios que também ajudamos.

É na família e na escola que tem que começar a mudança. Pais e professores, educadores em geral, temos que dar as mãos na construção da nova terra, da nova comunidade, certos de que a comunidade é diferente de sociedade e indivíduo é diferente de pessoa.

Levanta-te. É madrugada. Amanhã é um novo dia porque nós cremos e queremos.